

DIVERSIDADE SEXUAL: REPRESENTAÇÕES CONCEITUAIS DE PROFESSORES

Ricardo Desidério da Silva¹

SEXUAL DIVERSITY: CONCEPTUAL REPRESENTATIONS OF TEACHERS

Resumo

A necessidade de abordar nas escolas temas que envolvam a diversidade sexual e que possibilitem reflexões e discussões sobre as questões pessoais, sociais e culturais são fundamentais num processo de Educação Sexual *emancipatório*. A pesquisa apresenta uma análise das representações conceituais manifestadas por 10 (dez) professores sobre a temática. Os resultados denotam que os docentes apresentam atitudes e concepções equivocadas que são comumente encontradas diante da homossexualidade. O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla que compreende também a investigação dos conhecimentos e atitudes sobre a temática sexualidade manifestadas pelos professores e seus respectivos alunos.

Palavras-chave: Diversidade Sexual; homossexualidade; educação sexual

Abstract

The necessity to approach in the schools subjects that involve the sexual diversity and that they make possible reflections and quarrels on the personal questions, social and cultural is basic in a process of Sexual Education. The research presents an analysis of the conceptual representations revealed by 10 (ten) professors on the thematic one. The results denote that the professors present maken a mistake attitudes and conceptions that frequently are found ahead of the homossexualidade. The present work is part of a research ampler than it also understands the inquiry of the knowledge and attitudes on the thematic sexuality revealed by the professors and its respective pupils.

Keywords: Sexual Diversity; homossexualidade; sexual education

Introdução

A sexualidade, no universo escolar, é um tópico polêmico, considerando-se a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores (alunos, pais, professores e diretores, entre outros). No entanto, consideramos importantíssima a abordagem deste tema em sala de aula. Mas, afinal, o que é sexualidade?

Segundo Figueiró (2006) é uma dimensão exclusivamente humana, sendo que seu sentido e vivência são determinados pela natureza, própria de cada ser humano, e, principalmente, pela cultura, num processo histórico e dialético.

Nunes (1996) também a considera essencialmente humana e ressalta que nela estão inseridos valores da comunidade, da história social, da economia, da cultura e até da espiritualidade, conceitos estes conquistados na construção da identidade de cada ser, ao longo de sua trajetória histórica.

É, pois, através desses significados, identificados por Nunes (1996) e Figueiró (2006), que vinculamos este trabalho, uma vez que não podemos limitar a abordar os conhecimentos relacionados apenas aos aspectos biológicos e de forma fragmentada, pois a sexualidade deve ser compreendida em sua totalidade, como uma construção social, inserida em diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.

[Sumario](#)

¹ Professor Mestre e Educador Sexual/ CiPESS/UEL- Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade – Universidade Estadual de Londrina- PR.
e-mail: rickdesiderio@hotmail.com

A Sexualidade e a Diversidade Sexual

Numa perspectiva mais abrangente, a sexualidade vem adquirindo seu espaço, mas ainda continua sendo um dos aspectos mais conflituosos do ser humano. Em nossa vida cotidiana, todos nós nos defrontamos com questões ligadas à sexualidade, porém, o assunto ainda é considerado por muitos, principalmente pelos educadores, como um desafio, mas, afinal, por que abordar este tema não é uma tarefa fácil? Evidentemente não existe resposta fácil para essa questão. Para além dos tabus e das concepções puritanistas de uma sociedade fundada e substancialmente impregnada de proibições religiosas, há questões de preconceito ligadas diretamente à expressão da sexualidade.

Segundo Figueiró (2007) desde que nascemos, aprendemos que existe o homem (tendo um pênis) e a mulher (tendo uma vulva) e também que eles sentem atração sexual um pelo outro, acasalam-se e têm filhos, sendo esta a única forma de duas pessoas se relacionarem. Este pensamento, como é de nosso conhecimento, ainda se faz presente até os dias de hoje, em nossa sociedade. Assim, a autora apresenta a maneira como o mundo vem mostrar a questão da atração sexual, ou melhor, do desejo sexual, e esta maneira vem perpetuando-se ao longo de gerações.

O desejo sexual não se dá unicamente da forma como aprendemos, pois há pessoas que sentem atração afetivo-sexual por pessoas do sexo oposto, outras que sentem atração por pessoas do mesmo sexo e existem também pessoas que sentem atração por ambos os sexos. A diversidade sexual apresenta a orientação sexual, ou seja, as diferentes formas do desejo sexual, que podem ser a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade.

Outro aspecto da diversidade sexual diz respeito a identidade sexual e a identidade de gênero. A identidade sexual é a identificação psicológica, como homem ou mulher, desenvolvida pelo indivíduo, enquanto identidade de gênero nada mais é do que a maneira como cada um se comporta frente as outras pessoas e a sociedade como um todo. (FIGUEIRÓ, 2007)

Assim, essas duas identidades e a orientação sexual constituem a “identidade pessoal”, ou seja, a diversidade sexual envolve pessoas heterossexuais, homossexuais, bissexuais e transgêneras (travestis e transexuais). Os heterossexuais são homens ou mulheres que se sentem atraídos por alguém do sexo oposto.

Segundo Couto (1999), por definição, o homossexual é aquela pessoa que, sabendo pertencer a um sexo, seja masculino ou feminino, procura outra pessoa do mesmo sexo como objeto erótico. Porém, o homossexual não tem o desejo de mudar de sexo, nem o discrimina, apenas tem prazer em usar a sua genitália. (Tomamos esta definição apresentada por Couto (1999) apenas para fins didáticos, pois compreendemos a homossexualidade uma realidade ontológica).

Os bissexuais são indivíduos que se relacionam afetiva e sexualmente com pessoas de qualquer sexo. Atualmente, tanto os travestis, quanto as transexuais são denominadas de transgêneros, que, segundo Mott (2003), “incluem todas as pessoas que assumem socialmente o *papel de gênero* oposto ao sexo biológico de seu nascimento” (p.15).

Os travestis são pessoas que adotam modos de se comportar, ou de comunicar, semelhantes ao do outro sexo. O travesti, quando homem, realiza-se vestindo e apresentando-se como mulher e, eventualmente, fazendo alteração no corpo, como aplicações de silicone, mas não costuma alterar seus órgãos genitais. Diversamente de algumas concepções, o travesti nem sempre visa a se relacionar sexualmente com outrem ou busca a prostituição. O mesmo vale para a mulher que se traveste, embora seja menos frequente (EGYPTO, 2005).

A transexual, ainda segundo Egypto (2005, p. 71), “é uma pessoa que acredita que seu corpo não corresponde sua identidade psíquica. A pessoa se sente mulher num corpo de homem ou homem num corpo de mulher”, chegando até a realizar operações de transgenitalização ou adequação genital, autorizadas no Brasil desde 1997 (MOTT, 2003).

Enquanto, para alguns autores, a diversidade sexual envolve pessoas heterossexuais, homossexuais e bissexuais, Costa (2002, p.21) também acredita que existam pessoas que sentem “diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo

biológico” (p.22), porém, prefere “a noção de homoerotismo a de ‘homossexualismo’”, justificando-a por três razões: a primeira diz respeito a clareza do próprio termo, pois, para o autor, a noção de homoerotismo afastaria e excluiria “toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão etc., que acabou por fazer parte do sentido da palavra ‘homossexual’” COSTA (2002, p.22-23); a segunda justifica-se por negar a ideia de existir algo que é denominado por ele como “uma substância homossexual”(p.22), comum a todos aqueles com tendências homoeróticas; e a terceira, porque considera que o termo “não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do ‘homossexualismo’, de onde derivou o substantivo ‘homossexual’”(p.22).

Todavia, em todo trabalho de Educação Sexual se faz necessário discutir as questões pessoais, sociais e culturais que são fundamentais num processo *emancipatório*. E, ao abordar temas que envolvam a diversidade sexual, possibilitar reflexões e discussões sobre pontos que abarquem as relações de poder, o respeito e a aceitação pelas diferenças, entre outros tópicos de especial relevância neste processo.

Buscando assim, compreender melhor como os docentes lidam com o tema Diversidade Sexual nas escolas, este estudo teve como escopo investigar as representações conceituais de professores sobre a expressão da sexualidade a partir da análise de seus discursos em entrevistas com o autor.

Metodologia

Esta pesquisa emprega tanto uma abordagem qualitativa quanto quantitativa. Trata-se de um estudo empírico e transversal composta por um espaço amostral de dez professores de ambos os sexos, de escolas públicas da cidade de Londrina-PR. Parte de uma pesquisa de mestrado e que, a coleta de dados foi executada a partir de entrevistas semi-estruturadas, que versaram sobre a concepção do professor sobre sexualidade e de como acreditam que seria sua reação diante de três situações em sala de aula: a) reação dos alunos ao abordar o tema, b) aluno se manifestando como homossexual e c) aluno se masturbando.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Nas escolhas acima, procurou-se empregar situações fictícias, mas possíveis, para que houvesse maior possibilidade de aproximação dos entrevistados com o assunto, saindo do terreno puramente teórico para se avizinhar ao concreto. Porém, para este estudo focaremos na análise das representações conceituais de professores em relação a um aluno manifestando sua homossexualidade em sala de aula.

Para avaliação das transcrições, empregou-se o método de análise de conteúdo segundo a modalidade denominada Temática, conforme o que dispõe Bardin (2007).

De acordo com essa autora, a análise de conteúdo se caracteriza por um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2007, p.37).

Dentro do conjunto de técnicas conhecido como Análise de Conteúdo, existe uma técnica dita Análise Temática que, como o próprio nome diz, se fundamenta no tema. Para Bardin, “tema é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (Bardin, 2007, p.99).

Resultados e Discussões

Os dados básicos dos professores da amostra, assim como suas características pessoais e profissionais encontram-se na tabela anexo. A fim de preservar a identidade dos integrantes, seus nomes foram substituídos. As entrevistas com os professores deram-se nas escolas onde estes trabalhavam, ou nas residências dos mesmos, no período entre maio a agosto de 2008. Como é comum ocorrer na carreira docente, a maioria dos professores (N=8; 80%) é do sexo feminino,

assim como, tem uma carga horária de 40 horas semanais na área da educação (N=7; 70%). Quatro deles (Tânia, Gilberto, Soraya e Rebeca) recém começaram a frequentar o GEES (Grupo de Estudos sobre Educação Sexual) e outras três (Janaína, Cleonice e Nathália) já participaram de edições anteriores do grupo. Apenas duas integrantes lecionam há menos de 10 anos.

Para facilitar a leitura da exposição a seguir o nome dos professores que participaram ou participam do GEES foi sublinhado no texto e ainda com o mesmo intuito foi utilizado o negrito para ressaltar trechos da fala considerados importantes, evidenciando o seu conteúdo, e a transcrição foi literal.

Para abordarmos a questão da diversidade sexual foi apresentado a cada um dos entrevistados a seguinte situação: supondo, agora, que você esteja falando de algum assunto relacionado a sua disciplina e, um aluno faz a revelação de que é homossexual. Imediatamente, surgem diversos comentários dos demais alunos, risos, agitação geral na sala. Como você reagiria diante desta situação?

Abaixo, é apresentado como os entrevistados acreditam que lidariam com a Diversidade Sexual, em sala de aula:

Desmistificando o preconceito

Elisa narra que, no momento em que surge qualquer piada em relação aos alunos homossexuais, ela simplesmente faz uma piada sobre heterossexuais. Segundo o que expressa, ela procura colocar, no mesmo nível, tanto homossexuais como heterossexuais, para tentar levar os estudantes a refletirem sobre o que estão manifestando, para que se deem conta do preconceito.

Eu simplesmente jogo uma piada em cima de um heterossexual. Daí eu começo a expor o ser humano em si, e quem é ser humano, se ele é mais ou se ele é menos porque ele é homossexual, [...] Então eu começo a explicar pra eles e colocar eles a par. Não sei se é certo, mas é isso que eu faço. Procurar resgatar isso aí, o ser humano e o valor do ser humano, da pessoa e não da opção sexual dela, mas do valor do ser humano.

Observamos, a partir da fala de Elisa, o emprego da expressão “opção sexual”, muito utilizada por uma grande parte dos entrevistados.

Suplicy (1983) costuma destacar que a homossexualidade não é opção, pois ninguém *optou* por sua heterossexualidade. Para o antropólogo Dr. Luiz Mott, presidente do Grupo Gay da Bahia (GGB), “simplesmente, a criança ou o jovem começa a sentir atração afetiva e/ou sexual por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto, ou pelos dois sexos, atração que pode ser extensiva também ao cachorrinho, a uma galinha ou até a uma bananeira” (2003, p.68).

Figueiró (2005, p.02) também destaca que:

[...] não é uma questão de opção; a pessoa não escolhe ser homossexual. Faz parte da personalidade. É uma questão de sentimento: ela sente atração afetivo-sexual por uma pessoa do mesmo sexo e não sabe dizer porque, da mesma forma que nós, heterossexuais, não sabemos dizer porque nos apaixonamos por alguém de outro sexo.

Rebeca relata perceber *tendências homossexuais* em alguns alunos e considera normais as piadinhas, pois segundo ela “[...] isso é natural deles”. A professora ainda utiliza, em sala, uma expressão do cantor Falcão e acredita que a homossexualidade é causada por influências de terceiros ou por uma questão biológica mesmo:

Eu tenho alunos que têm [pausa] a gente já nota a tendência do homossexualismo e quando eu toco nesse ponto, eu sempre comento ou surge alguma piadinha, porque fazem mesmo, e isso é natural deles, criticar ou alguma coisa assim. Eu sempre vou pro lado do respeito, porque tem a parte da

“viadagem adquirida” e até comento essa frase em sala; a “viadagem adquirida”, como diz o Falcão, um dia ele disse “viadagem adquirida” – sabe aquele Falcão, cantor brega? Ele fala, assim, da “viadagem adquirida”, que eu acho, assim, que é uma influência do meio, é um trauma, um modismo, é um incentivo, de repente, de amigo, de televisão, de mídia, ou alguma coisa. Mas, como também tem aquele que é nato, é o biológico mesmo, e aí eu entro na questão do respeito, não é porque ele é... gosta de mulher, ou mulher gosta de mulher, ou homem gosta de homem, que deixa de ter sentimento, que deixa de ter respeito perante os outros, é uma pessoa como outra qualquer, que tem o direito de escolher o que gosta ou não gosta.

Mott (2003) faz um lembrete muito importante ao afirmar que a aparência externa não justifica, necessariamente, as fantasias e práticas sexuais, pois existem efeminados que não são gays. O autor, ao apresentar os tipos de homossexuais, faz um lembrete muito importante:

[...] a aparência externa não traduz necessariamente as fantasias e práticas sexuais individuais, pois há efeminados que não são gays, e machões que na cama viram “fobonecas”. Há muitos estilos de vida, várias formas de viver suas preferências sexuais. Todos têm direito de viver como querem, desde que respeitem a liberdade alheia. Temos que aprender a conviver com a diversidade, aceitar o pluralismo, respeitar o diferente. Cada qual se assume quando e o quanto quiser. Em questão de sexualidade não há receita única, nada é completamente certo ou errado. O único limite à nossa liberdade sexual é a liberdade alheia. Cada qual na sua e todo mundo numa boa. (MOTT, 2003, p.15-16)

A professora [Rebeca] admite ser este um aspecto que ainda tenta superar e acredita que o fato de ter pouco contato com homossexuais, embora tenha afirmado notar alunos que o sejam, interfere em sua aceitação mais plena dos mesmos:

[...] Então, nessa parte eu me olho e eu me vejo tentando vencer essa parte de preconceito. Eu não digo que eu sou totalmente sem preconceito, porque falar é fácil. A gente está falando, eu cito os exemplos, eu comento, eu falo pra eles assim, mas eu, na verdade, nunca convivi com situações, de perto, de homossexualidade.

Observamos que a professora Rebeca utiliza a palavra “homossexualismo”, que perdeu o sufixo “ismo”, relacionado diretamente a doença. Desde 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou da relação de doenças a homossexualidade e o Conselho Federal de Psicologia, por sua vez, confirmou, em 1999, a orientação homossexual, utilizando-se da palavra “homossexualidade”. Diante da *atitude tolerante* apresentada pela professora, percebemos a necessidade de uma Educação Sexual emancipatória, que possibilite o compromisso com a transformação social, na busca pelos direitos e por uma convivência respeitosa em relação à diversidade sexual.

Aprendendo a conviver com homossexuais

Tânia apresenta uma *atitude aceitante* e não se considera tão preconceituosa como antes, em relação à homossexualidade, mas tem consciência da necessidade de mudança, até mesmo por conviver ao lado de homossexuais:

Olha, eu era contra, pra ser sincera, eu não gostava, não tinha amizade e, de repente, eu me vi em situação que eu preciso acostumar com a ideia, porque, queira ou não, eu tenho uma pessoa em minha convivência, não é homem, é uma mulher, e que eu tenho que conviver e aprender a superar.

Para Soraya, a existência de homossexuais em sala de aula é muito comum, mas nota-se certa dificuldade para lidar com a situação, até mesmo pelo próprio preconceito (*atitude preconceituosa*) relatado pela professora, principalmente quando esta fala “e não procuro ficar fazendo...tentar a minha opinião, assim, ser contra aquilo”:

Dentro da sala de aula, a gente lida muito com isso, né? Inclusive, quase todas as salas que a gente tem, que eu tenho, têm alunos que são homossexuais, e eles são assumidos assim, né? Então, eu procuro, assim, tentar fazer com que os outros alunos ajam... que não ridicularizem aquilo, que não fiquem debochando do outro, né? Então, a gente procura manter o respeito com eles dentro da sala de aula. E eu trato, assim, normal, né, e não procuro ficar fazendo... tentar a minha opinião, assim, ser contra aquilo.

[...] Então, eu acho que pra mim, é normal, é natural coisas que, agora, eu penso assim, mas antes eu não pensava.

Para a professora essa mudança de pensamento está acontecendo devido o *passar do tempo*, porém, observa-se que, ao dizer “aquilo”, demonstra dificuldade em proferir a palavra homossexualidade:

Eu acho, assim: conforme vai passando, eu acho que o conhecimento que a gente vai adquirindo, você vai vendo que aquilo, querendo ou não, são situações que você vai ter que enfrentar, que é uma realidade. Então, não adianta você ser contra aquilo; [...] Então, eu estou procurando me corrigir e aceitar melhor isso, porque eu sei que é uma falha minha [...].

Lidando com o preconceito em sala

Para Gabriela, essa situação [o aluno se declarar homossexual] só a deixaria preocupada em saber a motivação que levou o estudante a professar, publicamente, a sua orientação sexual, pois, no que se refere a esta, para ela é algo normal.

Na minha opinião, não faria a menor diferença em relação ao aluno. Eu iria conversar com ele e perguntar por que ele resolveu fazer essa revelação assim, bombástica, praticamente, no meio da sala de aula, ou por que ele não me chamou pra conversar. [...] Eu ia também sentar e conversar com os alunos, falar que é uma coisa natural, que não tem nada de mais, que é uma pessoa igual a qualquer outra, só que com uma orientação sexual diferente, [...] Eu vou falar: Vocês têm que aprender a lidar com essa diversidade sexual, porque vocês vão lidar com ela no trabalho, na vida e em qualquer outro lugar. Se ele está se assumindo aqui, vocês têm que, no mínimo, respeitá-lo.

Gilberto relata jamais permitir piadinhas em sala, mas acredita ser fundamental que cada um se dê o respeito primeiro, para ser respeitado:

[...] eu, numa sala de aula, jamais deixaria que ficasse com gozação, com brincadeira, com alguma maldade. Agora, em contrapartida, o aluno, a aluna ou a pessoa tem que se dar o respeito e se valorizar, porque, muitas, vezes, o revide vem porque houve uma provocação, uma manifestação explícita de algo a mais.

Janaína dá aulas no Ensino Fundamental, de forma que, como os alunos são mais jovens, diz não ser frequente a ocorrência de um fato dessa natureza. Sobre a homossexualidade, diz que não tem preconceitos e acredita que se viesse a surgir este assunto em sala, ela conversaria com os alunos sem constrangimentos.

Bom... Eu nunca passei por isso, até porque, eu acho que eles têm um pouco de dificuldade de se assumir com essa idade que eu trabalho. Eu trabalho mais com o Ensino Fundamental, e estou trabalhando com o Ensino Médio,[...] Bom [pausa] mesmo antes do curso, eu já me revelei não ter muitos preconceitos, e acho que a orientação sexual... É lógico, a gente vai conversar sobre... Foi a orientação dele... É lógico, vou falar pra ele: Não é o momento pra você se auto-revelar, a gente está trabalhando... Se a sala tirar sarro, eu vou conversar. [...] A gente sempre fala que preconceito é crime; você está errado; você está julgando pela orientação dele; você pode ser julgado pelas suas atitudes também; é crime, está na lei. Se você não aceita, você, pelo menos, tem que respeitar.

A professora relata, ainda, que, muitas vezes, o preconceito não está só entre os alunos, mas entre os próprios colegas de trabalho:

E não é entre os alunos, não; é entre os próprios professores. [...] E é uma coisa complicada porque tem um professor que também não aceita. [...] Ele falou assim que ele era do tempo em que a família era homem e mulher... E ele acha um absurdo, porque ele foi num barzinho e tinham dois homens namorando e isso é uma coisa horrível.

Nathália, diante de uma situação como esta, alega que procuraria aliviar a situação e lidar com a questão da diversidade e do respeito.

Eu tentaria, primeiro, acalmar eles, né? E claro... a sociedade é muito preconceituosa, e isso existe muito. Eu tentaria conversar com a turma, eu acho, no sentido de que, assim, de que as pessoas, elas têm direito de escolher, de ter sua opção sexual, e que, independente de ela não ser o padrão dentro da sociedade, ela é uma pessoa como outra qualquer. A gente tem, também, que tentar respeitar a opinião do outro, porque a gente tem que pensar que a pessoa tem, também, o direito dela, né? A gente tem o nosso limite; o nosso direito vai até onde começa o direito do outro.

Para a professora, uma das causas dessa revelação seria a necessidade de chamar a atenção dos outros, e os alunos, ela diz notar um preconceito maior entre os meninos:

[...] Por que ele fez isso? Primeiro, pra chamar a atenção, né? Ele estaria chamando a atenção. [...] alguns casos em que eles chegam a atrapalhar a aula, assim, com algumas atitudes, com algumas falas dentro da sala de aula. Então, assim, está bem aflorado, e a gente percebe que está meio indefinido, quer assumir, mas a questão da discriminação. [...] As meninas têm mais facilidade, né? Eles se relacionam melhor com as meninas, né? Os meninos deboçam, tiram sarro, mas não tem, assim, represália; não tem, uma assim... Ah! Eles ficam tirando sarrinho, dão risada, mas não há uma discriminação direta, assim; não agride.

Podemos, também, observar que alguns professores se surpreenderam com o fato de um aluno se revelar homossexual em sala de aula, não entendendo o porquê, quando, na verdade, eles estão se questionando, pois não sabem como agir diante de tal situação.

Mott (2003) apresenta algumas medidas de como o educador deve agir, dentre elas, destaca-se: “A primeira atitude é não se surpreender nem fazer escândalo: homoerotismo sempre existiu, sobretudo entre adolescentes. O estranho seria a ausência de estudantes com tendências ou conduta homossexual”. (2003, p.74).

A homossexualidade presente no contexto escolar

Mário afirma que esta é uma situação comum e que o respeito deve fazer parte desse contexto para que haja algumas mudanças de concepções entre os alunos:

Já me aconteceu mais que uma vez, porque eu tenho mais de uma sala em que eu tenho gays, homo, ou como se coloca, porque cada um tem uma colocação. A primeira coisa é saber respeitar. Você tem que chamar quem fez a brincadeirinha e colocar: É a opção dele? É! [...] Primeira coisa: é saber respeitar. É opção da pessoa? Respeite. Daí você busca, porque o respeito não é só... O ser humano em geral. Geralmente, você acaba colocando que, principalmente, nessa questão, saber respeitar. E aí você leva até fazer o cara entender que a opção dele é ponto final.

Para o professor, a homossexualidade é algo que parece ter aumentado hoje em dia, porém, na verdade, a demonstração da homossexualidade que é maior, devido ao fato de que passou-se a agir mais naturalmente, ou seja, a evidenciar algo que antes era escondido.

[...] hoje, a cada dia está mais e mais, as pessoas demonstrando com naturalidade e tudo o mais. Então, isso vem crescendo, né? Não que está crescendo o número de pessoas, mas eles estão agindo mais naturalmente. Só faziam na surdina e agora fica às claras, de dia, de noite, em qualquer horário.

Entrevistador: Professor Mário como é hoje a relação dos alunos quando há um homossexual na sala?

Sempre tem aqueles que fazem gozação. Tem aluno que ele é e ele faz questão em fazer muito trejeito; ele provoca os outros. E aí, depois, da aquela descarga: Professor! Aqui... Mas daí, às vezes, você nota que é um cara provocando também. Daí você fala: Você também não pode porque você também não está agindo com respeito para com os outros. Se você quer respeito, respeite seu próximo. Aí você obtém. Agora, no momento em que um cara força a barra. E, de vez em quando, você tem que parar a aula e ficar um tempão dando lição de moral pra poder sossegar a criançada. Criançada é modo de dizer, né?

Cleonice também acredita que hoje em dia é muito comum homossexuais em sala de aula e isso se deve a vários fatores:

Isso, inclusive, já aconteceu. Em vários anos tem acontecido. Não sei se é a aula, se é o professor, a professora, mas agora está cada vez mais transparente a parte de homossexualidade, né? São mais visíveis, e acho que devido ao constrangimento ser menor, eu acho que ficou mais fácil de conversar sobre isso.

Para a professora Rebeca, a homossexualidade é influenciada por terceiros (amigos, novelas, programas de TV, em geral, entre outros) e isso a possibilita “perceber” muitos alunos homossexuais em sala de aula. Todavia, o que deve ser destacado e melhor conhecido é que a homossexualidade sempre existiu e que ninguém influencia na decisão de *ser* ou *não ser* homossexual.

Para Werebe (1998), Mott (2003), Nunes (2005), Pedrosa (2006) e Toniette (2007), na história da humanidade, em todos os seus períodos, sempre se registrou a existência da homossexualidade. Cremos que a homossexualidade ganhou visibilidade a partir do momento em que se deu o reconhecimento da sociedade no que diz respeito ao direito à diversidade sexual, direito este que vem sendo exercido, gradualmente, pelos homossexuais, que, aos poucos, vêm ampliando os seus espaços.

Conclusão

Este estudo enfatiza a necessidade de uma formação continuada, pois observamos que um grupo de estudos sobre esta temática possibilitaria a estes professores uma ampliação da compreensão sobre o assunto, o que lhes permitiria uma revisão de suas atitudes, crenças e valores, propiciando-lhes uma postura profissional consciente, tendo, como ponto de partida e de chegada, suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e seus desejos.

Propomos também que, o trabalho de Educação Sexual na escola seja adequado a um planejamento e às ações pedagógicas efetivas, o que poderá possibilitar um espaço no currículo escolar, que é de fundamental importância, pois foi observado que muitas escolas acreditam desenvolver uma Educação Sexual pelo simples fato de que algumas palestras são feitas, de forma isolada, ou em semanas pedagógicas de atividades voltadas para esta finalidade. A contrapartida para esta proposta envolve estudo e uma preparação contínua dos educadores, com a participação de todos os profissionais, afinal, todos somos *Educadores Sexuais*.

O trabalho precisa, principalmente, contar com a participação dos pais, os quais devem ser informados sobre os objetivos da Educação Sexual, o que pode ser feito através de reuniões na própria escola. Acreditamos que a compreensão dos pais e responsáveis sobre a importância de uma Educação Sexual emancipatória na escola fortalece não só este trabalho, como possibilita abrir novas perspectivas de diálogo na própria família... sempre!

Referências Bibliográficas

- BARDIN, L. (2007). *Análise de Conteúdo*. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70.
- BEIRAS, A., T., G., TONELI, M. J. F. (2005). *Crenças, valores e visões: trabalhando as dificuldades relacionadas à sexualidade e gênero no contexto escolar*. *Aletheia*. n.21:69-78.
- COSTA, J. F. (2002). *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- COUTO, E. S. (1999). *Transexualidade: o corpo em mutação*. Salvador: GGB.
- EGYPTO, A. C. (2005). *Sexo, prazeres e riscos*. São Paulo. Saraiva.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. (20 de mar. 2005). *Homossexualidade: efeitos do não-entendimento*. *Folha de Londrina*. Opinião, Espaço Aberto, p.02.
- _____. (2006). *Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Londrina, PR: Eduel.
- _____. (Org.). (2007). *Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: Eduel.
- MOTT, L. (2003). *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: GGB.
- NUNES, C. A. (1996). *Filosofia, sexualidade e educação: As relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre Educação Sexual escolar*. Tese de doutorado em Educação. Campinas: Unicamp.
- _____. (2005). *Desvendando a sexualidade*. 7ª. ed. Campinas: Papyrus.
- PEDROSA, J.B. (2006). *Segundo desejo*. São Paulo: Iglu.
- SUPLICY, M. (1983). *Conversando sobre sexo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- TONIETTE, M. A. (2007). *Homossexualidade ao longo da história: um breve olhar sobre significados e sentidos*. In: FIGUEIRÓ, M. D. (Org). *Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade*. Londrina: UEL.
- WEREBE, M. J. G. (1998). *Sexualidade, Política, Educação*. Campinas, SP: Autores Associados.